

## O FIM DA HISTÓRIA E A ANGÚSTIA DA VELHA ORDEM

*Enquanto Washington reage com ansiedade à erosão de sua hegemonia unipolar, Pequim e Moscou avançam com paciência estratégica, consolidando uma arquitetura eurasiática que redefine o equilíbrio de poder global. A história não terminou: ela apenas entrou em uma nova fase multipolar e competitiva.*

**Gabriel Camilli\***



*Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.*

**A** rápida sucessão de cúpulas entre Donald Trump e Xi Jinping, seguida poucos dias depois pela visita de Vladimir Putin a Pequim, provavelmente constitui um dos episódios diplomáticos mais reveladores dos últimos anos.

No entanto, o verdadeiro significado estratégico desses encontros reside não apenas nos acordos firmados ou nas declarações oficiais. O fator mais importante é algo completamente diferente: a diferença no clima psicológico e político entre os dois encontros.

Enquanto a visita de Trump foi marcada por tensão, ansiedade e incerteza – produto da crise iraniana, da competição tecnológica, da questão de Taiwan e da crescente perda da liderança global americana –, o encontro entre Putin e Xi transcorreu com uma serenidade quase burocrática.

## PACIÊNCIA E ANSIEDADE

E é precisamente aqui que emerge um dos elementos centrais da transição geopolítica contemporânea. Potências emergentes negociam com paciência; hegemônias em declínio reagem com ansiedade.

O cenário internacional atual não reflete mais o antigo “momento unipolar” do período pós-Guerra Fria. Pelo contrário, demonstra o esgotamento progressivo do unilateralismo ocidental e o avanço de um sistema internacional cada vez mais multipolar, competitivo e instável.

Durante décadas, os Estados Unidos tentaram consolidar uma ordem global baseada em: supremacia financeira, domínio marítimo, superioridade tecnológica, capacidade militar expedicionária e controle político das instituições internacionais.

A queda da União Soviética levou alguns intelectuais, como Francis Fukuyama, a proclamar o “fim da história”, ou seja, a vitória definitiva do modelo liberal ocidental como o destino inevitável da humanidade.

Paralelamente, grupos de reflexão como o Projeto para o Novo Século Americano desenvolveram doutrinas com o objetivo de preservar indefinidamente a hegemonia global dos EUA que emergiu após 1989. Guerras preventivas, revoluções coloridas, expansão da OTAN e sucessivas intervenções militares serviram amplamente a esse objetivo estratégico.

## OUTRO CAMINHO

No entanto, a realidade histórica seguiu um caminho diferente.

A China não só resistiu à contenção ocidental, como também alcançou paridade sistêmica com os Estados Unidos em múltiplas dimensões: industrial, tecnológica, comercial e geopolítica. O próprio *Washington Post* reconheceu recentemente que a cúpula Trump-Xi simbolizou algo que Washington tentou evitar por décadas: o reconhecimento da China como uma potência equivalente aos Estados Unidos. Julian Gewirtz, ex-conselheiro para a China no Conselho de Segurança Nacional durante o governo Biden, chegou a afirmar que “*não há volta*”. Esse reconhecimento constitui um evento histórico de enorme magnitude.

Porque o verdadeiro problema estratégico para Washington não é apenas a ascensão econômica da China. O que está realmente em jogo é o fim da capacidade dos Estados Unidos de atuarem como árbitro absoluto do sistema internacional.

## UNILATERALISMO

E aí reside a questão mais profunda: o unilateralismo não pode mais ser sustentado materialmente. Esta não é meramente uma crise ideológica ou diplomática. É uma transformação estrutural do equilíbrio global de poder.

A China atingiu massa crítica na indústria e na tecnologia. A Rússia mantém profundidade estratégica, recursos energéticos e capacidades militares. Os BRICS estão expandindo progressivamente sua influência. A Eurásia está fortalecendo sua integração econômica. E o Ocidente está perdendo lentamente o monopólio financeiro e produtivo que sustentou seu domínio global por décadas. Nesse contexto, a parceria entre Moscou e Pequim assume importância decisiva.

A reafirmação da aliança estratégica entre Putin e Xi, juntamente com o avanço do projeto energético Power of Siberia 2, constitui muito mais do que um acordo bilateral. Representa a consolidação progressiva de uma arquitetura eurasiática capaz de reduzir a dependência da China das vulneráveis rotas marítimas do Golfo Pérsico e do Indo-Pacífico.

A geopolítica clássica reaparece aqui com perfeita clareza.

De Halford Mackinder a Zbigniew Brzezinski, a grande preocupação histórica das potências marítimas anglo-saxônicas sempre foi impedir a integração estratégica da Eurásia. A convergência da extensão territorial da Rússia, da capacidade industrial da China e da conectividade energética continental altera profundamente esse equilíbrio histórico.

É por isso que a questão energética adquiriu uma centralidade fundamental. Enquanto os Estados Unidos tentam preservar sua hegemonia talassocrática controlando pontos de controle marítimos – os estreitos de Ormuz, Malaca, Suez e Bab el-Mandeb –, a China e a Rússia estão avançando com mecanismos alternativos de integração continental menos vulneráveis a um bloqueio naval ocidental. A energia está, portanto, tornando-se novamente um dos verdadeiros centros de gravidade estratégicos do sistema internacional contemporâneo.

Nesse cenário, o conflito deixa de ser exclusivamente militar e se desloca para outros setores de atividade, onde prevalecem a coerção econômica e a pressão energética e emergem a inteligência artificial, a desinformação, as operações psicológicas e a “nova” dissuasão nuclear. Todos esses fatores coexistem simultaneamente dentro de uma dinâmica de “escalada controlada”.

Ninguém parece desejar uma guerra mundial aberta. Mas todos estão se preparando para a possibilidade de ela ocorrer. E talvez aí resida a característica mais perigosa de nossa época.

Os exercícios nucleares russos realizados em paralelo com a visita de Putin a Pequim constituem precisamente uma “mensagem estratégica” de advertência indireta ao Ocidente. A mensagem parece clara: Moscou está lembrando a todos que existe um limite máximo para a escalada tanto na Ucrânia quanto no Oriente Médio. Este ponto assume especial importância à luz da crise iraniana.

## CONTEXTO ESTRATÉGICO

Muitas análises ocidentais apresentam o problema unicamente em termos da questão nuclear iraniana ou do conflito regional com Israel. No entanto, o contexto estratégico é muito mais profundo: está em jogo o controle do sistema energético global e a capacidade dos Estados Unidos de manter sua hegemonia marítima global.

O Estreito de Ormuz adquire, portanto, importância decisiva. Não se trata simplesmente de conter o Irã. Trata-se de demonstrar que, sem a presença militar dos EUA, o comércio marítimo global e o sistema energético internacional tornam-se incontroláveis.

Aqui, reaparece a lógica clássica da geopolítica: quem controla os fluxos de energia molda a ordem mundial.

Nesse sentido, as reflexões do professor John Mearsheimer são particularmente relevantes. O principal defensor do realismo ofensivo argumenta há anos que o “*momento unipolar*” acabou e que o sistema internacional voltou a se estruturar em torno da competição entre grandes potências.

Mearsheimer alertou desde cedo que a expansão ocidental pós-Guerra Fria – especialmente a expansão da OTAN – inevitavelmente geraria tensões com a Rússia e aceleraria o retorno de uma lógica de equilíbrio de poder.

Mas talvez sua observação mais importante seja outra: o próprio processo de globalização impulsionado pelo Ocidente acabou fortalecendo precisamente o principal concorrente sistêmico dos Estados Unidos. A integração econômica global não conteve a China: ela a industrializou, financiou e fortaleceu.

Douglas Macgregor, por sua vez, contribui com outro elemento fundamental: a crescente sobrecarga estratégica ocidental. Macgregor insiste que os Estados Unidos não possuem mais a liberdade operacional absoluta de que desfrutavam na década de 1990. A coexistência da Rússia, da China e do Irã como polos de resistência limita severamente a capacidade de coerção unilateral de Washington.

Portanto, tanto Mearsheimer quanto Macgregor, desde perspectivas diferentes, convergem

para a mesma conclusão, que reiteramos diversas vezes nesta coluna: a ordem internacional pós-1991 está entrando em crise.

## UM PROBLEMA PSICOLÓGICO

No entanto, o problema contemporâneo não é apenas geopolítico. É também psicológico. O chamado “Ocidente abastado” (para usar o termo de Augusto del Noce) não enfrenta apenas uma relativa perda de poder; enfrenta também a dificuldade de aceitar um mundo onde não é mais o único centro legítimo do sistema internacional. E isso gera ansiedade estratégica, coerção constante e guerras intermináveis. Enquanto isso, a China e a Rússia parecem apostar em uma lógica diferente: baseada no desgaste, na paciência estratégica e na acumulação gradual de poder.

Como podemos ver, a sequência Trump-Xi e Putin-Xi não representou simplesmente dois encontros diplomáticos. Revelou o choque entre duas concepções históricas de poder mundial.

Por um lado, um unilateralismo ocidental que tenta preservar um sistema cuja base material começa lentamente a se deteriorar. Por outro lado, surge uma multipolaridade baseada na convergência pragmática entre as principais potências continentais.

A ansiedade estratégica da velha ordem contrasta com a serenidade tática daqueles que percebem que o tempo histórico começa lentamente a jogar a seu favor. A história não acabou. Ela simplesmente entrou em uma nova fase.

*Publicado no [La Prensa](#).*

---

*\*Gabriel Camilli é coronel mayor da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.*

---